

## Aulas de geologia “in situ” na década de 1960



**A** nos 1960, estudantes vigiados pelos órgãos da repressão de modo severo. Afinal o bordão criado, na época, era: trabalhadores trabalham, padres rezam missas e estudantes estudam... condições levadas em conta. Mas estudantes (e parte da comunidade religiosa) tinham liberdade, e coragem, para protestar. Não tinham empregos a perder.

E casos havia que tangenciavam o cômico. Por exemplo, o estudante de engenharia preso por “professar a resistência materialista, seguidores do russo Timonshenko”. Foi preso ao portar o livro de resistência de materiais do físico Prokofievich Timonshenko!

Ao chegarem no DP com o assustado estudante os policiais levaram tremenda carraspana do delegado.

Mas vamos ao nosso tema. Na Escola de Engenharia de São Carlos, USP, dentre os professores de geologia destacava-se o professor Alfredo Bjonberg, um verdadeiro mestre. Franqueava até visitas noturnas à sua residência caso nós estudantes estivéssemos com dúvidas atroz sobre Arenito Bauru ou Arenito Botucatu. Valia uma visita... E o professor nos atendia com uma amabilidade que nos desconcertava. Não à toa era o mais escolhido pelos formandos de engenharia civil como professor homenageado, paraninfo etc., nas formaturas dos engenheiros.

Além dessas consultas fora do período letivo, uma vantagem oferecida pela cidade de São Carlos, tínhamos outra.

Era sair para a zona rural onde, nas cercanias, tínhamos um cenário natural que portava uma amostragem geológica numerosa e “variegada” (variada...).

Tomávamos o ônibus azul e branco com uma extensa inscrição, de ambos os lados: “Escola de Engenharia de São Carlos – Universidade de São Paulo”.

E lá íamos nós: estrada de Ribeirão Bonito, Analândia, Descalvado, Represa do Lobo (Lago do Broa), e outros locais onde observávamos, in loco, o que se falava nas salas de aula.

Lembro-me até hoje a visão das “mesas geológicas” (perdoem-me possíveis erros de nomenclatura), perto de Descalvado e Corumbataí que, observava o mestre Bjonberg, se passássemos um plano horizontal nos “tampos desses platôs” eles coincidiam. O plano horizontal continuava horizontal ao pousar nessas “mesas”.

Lembrava então o mestre que isso era fruto de degelo e sucessivas erosões marinhas, sucessivas regiões costeiras. Milhares de anos atrás! E, possivelmente, o Broa com seu fundo arenoso e águas límpidas seria o resultado desses degelos.

Assim, numa destas aulas campais, fomos à Serra dos Padres um pouco antes de Rio Claro. Perto de seu topo havia um paredão rochoso praticamente vertical. Havia nele uma série de camadas bem visíveis, de tal maneira, que se enxergava claramente o que se ouvia nas aulas.

Rochas sãs, rochas fraturadas, diaclasadas, magmáticas ou não etc.

Assim estacionamos o ônibus no acostamento, paralelo à rodovia, com sua inscrição bem visível.

Aí o professor Bjonberg, agilmente, escalou o paredão até sua meia altura e tirou da bainha de couro seu martelo de geólogo, importado (como o da ilustração gentilmente cedida pelo geólogo Hugo Rocha, do Metrô/SP, tido como o martelo top!).

E começou a bater vigorosamente na pedra com seu martelo enquanto proferia com voz forte sua aula. E brandia o martelo que acompanhava seu discurso.

Eis que, então, apareceram cerca de quatro peruas Chevrolet, C-14, veículo preferido do DOPS e da OBAN, que estacionaram de modo a nos sitiar.

As portas se abriram e saíram das C-14 uns 15 agentes com seus ternos dois números maiores o que possibilitava disfarçar o porte de armas pesadas nas cinturas etc.

Silenciosamente nos cercaram, sem nada falar e ficaram, silenciosos, ouvindo o que o professor falava.

Ele deu uma parada, um sorriso meio tíbio, recuperou-se e continuou a aula.

Sentíamos o “peso” da assistência em nossas costas... seríamos levados para averiguações?

Poderia haver confusões do tipo “resistência materialista”? Rochas sãs, diaclasadas, magmáticas, sedimentares, arenitos Bauru, Botucatu etc., poderiam ser codinomes, linguagens criptografadas, cifradas, para “aparelhos” em Bauru, Botucatu?

A aula prosseguiu até que, cerca de 10 minutos depois, os agentes, tão silenciosos como chegaram, entraram nas peruas e foram embora.

O professor Bjonberg parou, sentou-se numa pedra, sorriu e deu um suspiro de alívio.

Seguiu-se um alívio geral de nossa parte e muitas gargalhadas das possíveis ligações que poderiam ter feito. Cenozoico? Quaternário, aluvionar, degelo?

Se gravaram haveria serviço de “inteligência” para uma semana... desde que não chamassem um geólogo, claro.

Nunca mais esqueci o episódio que ficou marcado na memória. Aulas espetaculares do professor Bjonberg na natureza, a chegada sorrateira dos agentes, os longos 10 minutos em que sentíamos suas presenças, a iminência de possível prisão (o que já havia acontecido comigo) e a saída silenciosa e relaxante dos policiais ...

Como dizem os budistas: “a vida é impermanente, não é previsível”, esteja pronto!

Ou como dizem os escoteiros: “sempre alerta!”. Mais do que nunca é preciso observar. Viver talvez, já dizia Camões, não é preciso... 

**NESTOR SOARES TUPINAMBÁ**  
é engenheiro, mestre em urbanismo e consultor de transporte  
E-mail: nstupinamba@uol.com.br

